

CROFT, William. **Morphosyntax:** constructions of the world's languages. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2022. 726 páginas + glossário *on-line*.

Luana Lopes AMARAL<sup>1</sup>

André Vinícius Lopes CONEGLIAN<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i1.3458>

Talvez o único fato linguístico amplamente aceito nas diferentes abordagens teóricas da Linguística é o de que as línguas variam e mudam, o que garante a enorme diversidade linguística verificada nas línguas do mundo. Apesar disso, os modelos de gramática propostos na Linguística moderna, sejam gerativistas, cognitivistas e até mesmo funcionalistas são, em geral, construídos com base em alguma abstração sobre uma variedade específica da língua inglesa ou alguma língua indo-europeia, usando outras línguas e variedades apenas para exemplificar fenômenos específicos. Em consequência disso, direta ou indiretamente, manuais para o ensino de morfossintaxe nos cursos de Letras e Linguística não costumam também fugir dessa visão monolítica da linguagem.

Reconhecendo a centralidade da variação, da mudança e da diversidade linguística, em *Morphosyntax*, livro que é objeto desta resenha, William Croft propõe um novo sistema para a construção de um modelo de gramática. Nessa obra, Croft reúne sua experiência de quase 40 anos como linguista e professor e apresenta um modelo de gramática fundamentado na diversidade linguística, no uso e nos processos cognitivos de construção do significado. A obra, assentada sobre mais de 60 anos de trabalhos em tipologia linguística, traz um modelo de análise translinguística e intralinguística que parte do princípio básico de que uma teoria de gramática deve ser capaz de abarcar a diversidade linguística. Justamente por trazer um modelo de gramática, *Morphosyntax* é

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; [luanalopes@ufmg.br](mailto:luanalopes@ufmg.br); <https://orcid.org/0000-0002-4290-1208>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; [coneglian@ufmg.br](mailto:coneglian@ufmg.br); <https://orcid.org/0000-0003-1726-8890>

- | *Morphosyntax: constructions of the world's languages* (resenha)

um livro-texto para o ensino de morfossintaxe na graduação e, especialmente, na pós-graduação e propõe um formato de ensino construcionista que parte das relações entre semântica, pragmática e morfossintaxe.

Do ponto de vista teórico, a obra se constrói sobre três assunções básicas, cada uma ligada a três campos diferentes dos estudos gramaticais. A primeira assunção é a de que a unidade básica de análise é a construção morfossintática, ligada ao modelo construcional de gramática. A segunda assunção é a de que a investigação das construções gramaticais deve necessariamente passar pelo modo como a forma morfossintática expressa uma função, ligada especialmente ao modelo funcionalista. E a terceira assunção é a de que se deve necessariamente examinar a variação morfossintática na expressão de uma determinada função entre as línguas do mundo, ligada à tipologia linguística.

A articulação entre propostas desses três campos tem sido uma das marcas dos trabalhos do autor, sendo possível observá-la desde suas primeiras obras, como se discute na próxima seção.

## **1 A figura do autor e sua proposta teórica, com vistas à configuração de um modelo funcional-tipológico de gramática de construções**

A partir de sua tese de doutorado defendida na Universidade de Stanford (CA, EUA), em 1986, e orientada por Joseph Greenberg, William Croft inicia sua carreira de linguista e professor, partindo de dois grandes objetos de investigação: os processos gramaticais de construção do significado e a diversidade linguística, adotando uma perspectiva funcional-tipológica alinhada aos princípios da Linguística Cognitiva. Em sua visão, a construção do significado é um processo que, assim como a variação, é produto do uso da língua. Em uma abordagem construcional de gramática, o autor inclui o estudo da morfossintaxe na investigação de tais processos de construção do significado (e vice-versa).

Assim, em seu primeiro livro, *Typology and universals*, publicado em 1990 e com segunda edição de 2003, Croft desenvolve os temas teóricos centrais que garantem uma investigação balizada da diversidade de estruturas gramaticais das línguas do mundo. Em seu segundo livro, *Syntactic categories and grammatical relations* (1991), explora a estrutura das categorias e relações sintáticas. O terceiro livro do autor, *Explaining language change* (2000), explora os processos de mudança e reforça seu compromisso com uma teoria completa de gramática, que abarca os fatos da variação e mudança linguística. Em seu quarto livro, *Radical construction grammar* (2001), Croft propõe um modelo de gramática de construções baseado na ideia de que a forma das construções é específica de uma língua, mas suas funções são universais. O quinto livro do autor, *Cognitive Linguistics*

- | *Morphosyntax*: constructions of the world's languages (resenha)

(2004), escrito em coautoria com D. Alan Cruse, sistematiza os princípios básicos dos processos de construção do significado em Linguística Cognitiva e avança na proposição de uma abordagem cognitiva da estrutura gramatical. Por fim, o sexto livro do autor, *Verbs* (2012), faz um estudo aprofundado da estrutura de eventos e da expressão dos eventos em verbos e construções tempo-aspectuais e de estrutura argumental.

Em *Morphosyntax*, essa trajetória de pesquisa culmina em uma obra que traz uma visão construcional-tipológica geral da gramática das línguas naturais. O autor começa com uma discussão sobre as classes de palavras, sua organização e constituição, passa por uma descrição geral da estrutura dos sintagmas e das sentenças, e chega à operacionalização da estrutura das sentenças complexas; ele o faz trazendo pontos pertinentes sobre processos de gramaticalização que dão origem a diferentes estratégias morfossintáticas.

## **2 Um resumo da obra, com indicações a respeito do (re)enquadre teórico dos fatos tipológicos apresentados nela**

*Morphosyntax* tem 19 capítulos, distribuídos em 4 partes: Parte I – *Introduction* (Introdução) é formada pelos capítulos 1 e 2; Parte II – *Argument phrase structure: reference and modification* (Estrutura de sintagmas argumentais: referência e modificação), pelos capítulos 3 a 5; Parte III – *Clause structure: predication and arguments* (Estrutura oracional: predicação e argumentos), pelos capítulos 6 a 14; Parte IV – *Complex sentences* (Sentenças complexas), pelos capítulos 15 a 19. Devido à limitação de espaço, esta seção centra-se na exposição de um resumo das propostas teóricas, desenvolvidas principalmente nos dois primeiros capítulos, e na recolha sumária de fatos descritivos apresentados nos capítulos 3 a 19.

O livro começa com um Prefácio, no qual o autor delimita a natureza da obra e seus objetivos, com a indicação geral de que ela traz uma sistematização funcional-tipológica das construções morfossintáticas das línguas do mundo.

Muito significativamente, Croft traz uma nota inicial a respeito do ensino de morfossintaxe. Nela, o autor discute a pertinência e adequação do material para turmas de morfossintaxe, iniciantes ou avançadas, apontando que idealmente o livro é pensado para um curso avançado com duração de dois semestres letivos, como é o que acontece na instituição à qual é afiliado.

Os dois primeiros capítulos são mais densos no que diz respeito à teoria, em comparação aos outros capítulos do livro. Isso provavelmente se explica pelo fato de que, a partir do Capítulo 3, são apresentados os fatos descritivos a respeito de construções

morfofossintáticas. No entanto, tais capítulos descritivos não são desprovidos de teoria, mas as discussões teóricas, quando feitas, envolvem a apresentação e a explicação de fatos morfofossintáticos. Além disso, grande parte de teoria linguística e gramatical geral é pressuposta, ficando a cargo do leitor preencher essas lacunas. A extensa lista de referências (que se prolonga por mais de quarenta páginas ao final do livro) revela que há uma enorme gama de conhecimentos teóricos que dão suporte à teoria apresentada e subjazem à proposta geral do livro apresentada nos primeiros capítulos.

O Capítulo 1, *Grammatical constructions, semantic classes and information packaging*, desenvolve-se pela discussão de cinco pontos centrais formulados como perguntas: “O que é morfofossintaxe?” (§1.1); “Por que construções?” (§1.2); “Por que empacotamento da informação?” (1.3); “Como comparamos construções dentro de uma língua e entre línguas?” (§1.4) e “Como analisamos a estrutura de sentenças em uma língua particular?” (§1.5). A resposta para essas cinco perguntas permite ao autor não só introduzir as categorias teóricas e analíticas textualmente, mas principalmente justificá-las, defendendo, assim, sua teoria construcional de morfofossintaxe em perspectiva tipológica, anteriormente explicitada em Croft (2001, 2004, 2012).

Merece particular destaque o que Croft desenvolve para as perguntas “Como comparamos construções dentro de uma língua e entre línguas?” (§1.4) e “Como analisamos a estrutura de sentenças em uma língua particular?” (§1.5), pois o autor delimita tanto as categorias de análise de um ponto de vista tipológico quanto o método para análise de construções em línguas específicas, respectivamente. Para isso, Croft invoca a noção de “conceito comparativo”, que tem sido adotada em algumas linhas de estudo da tipologia linguística (Haspelmath, 2010; Croft, 2014, 2016). A novidade, aqui, está no enquadre que o autor faz de construção gramatical como conceito comparativo, o que distancia radicalmente seu modelo dos outros modelos construcionistas encontrados na literatura, aproximando-o significativamente de modelos funcional-tipológicos. E é por meio desse enquadramento que Croft faz a distinção entre “construção” gramatical, qualquer pareamento de forma e função que expressa uma combinação de conteúdo semântico e empacotamento da informação, e “estratégia”, uma construção em uma língua específica que expressa uma combinação de conteúdo semântico e empacotamento da informação.

No Capítulo 2, *Propositional act constructions: the skeleton of a sentence*, o autor passa a discutir o que exatamente se entende por “forma” e “função”. Discute o que são exatamente “conteúdo semântico” e “empacotamento da informação”, os dois (sub)componentes funcionais de uma construção gramatical, por meio de uma análise de construções prototípicas e não prototípicas de classes de palavras, proposta já desenvolvida pelo autor em outras publicações (Croft, 1990, 2000, 2001).

O ponto alto desse capítulo é a proposição de três princípios gerais para o mapeamento entre forma e função. Esse é um tema clássico na literatura funcionalista, para o qual foram apresentadas diferentes propostas, a mais significativa delas talvez seja o princípio de iconicidade (Haiman, 1985; Givón, 1995).

Muito sumariamente, o primeiro princípio de Croft postula que “qualquer conteúdo semântico pode ser empacotado linguisticamente de qualquer maneira, desde que cumpra os objetivos conjuntos dos interlocutores no discurso”<sup>3</sup> (Croft, 2022, p. 49, tradução própria). O segundo princípio diz que “a natureza da realidade, por exemplo, as características de classes semânticas, favorece (ou desfavorece) certas maneiras de empacotamento da informação”<sup>4</sup> (p. 50, tradução própria). O terceiro princípio postula que “a relação entre forma e significado – o tipo de construção em que uma palavra com um significado particular pode ocorrer – é uma questão de convenção cultural – isto é, as convenções linguísticas de uma comunidade de fala”<sup>5</sup> (p. 51, tradução própria).

Pode parecer que se trata de três princípios avulsos e teoricamente desconectados. Porém, o primeiro princípio é, na verdade, um postulado geral a respeito da natureza da significação linguística e da natureza simbólica dos sistemas linguísticos, ficando condicionado o empacotamento da informação aos objetivos compartilhados pelos interlocutores nos eventos comunicativos. Isso já revela um entendimento de que a construção do significado é um processo dinâmico que se efetiva nas práticas discursivas. O segundo princípio pode ser interpretado como uma restrição do primeiro. Ora, se o primeiro princípio diz respeito à amplitude de possibilidades de empacotamento linguístico do conteúdo semântico, o segundo princípio restringe essas possibilidades pela natureza da realidade, ficando implicada, assim, a motivação icônica na língua. O terceiro princípio geral restringe o segundo, reenquadrando, de um ponto de vista sociocognitivista, o princípio geral da arbitrariedade das unidades linguísticas. Por aí se vê, pois, o verdadeiro gênio de Croft em articular com precisão diferentes propostas de modo a configurar um quadro teórico e analítico coerente.

O capítulo 2 termina com a introdução de dois universais translinguísticos a respeito da complexidade dos mapeamentos entre forma e função. São eles a “codificação

---

3 No original: “any semantic content may be packaged in any way, in order to serve the joint goals of the interlocutors in discourse”.

4 No original: “the nature of reality, e.g. the semantic characteristics of semantic classes, favors (or disfavors) certain ways of packaging that information”.

5 No original: “the relationship between form and meaning – what sort of construction a word with a particular meaning occurs in – is a matter of cultural convention, that is, the linguistic conventions of the speech community”.

- | *Morphosyntax: constructions of the world's languages* (resenha)

estrutural” e o “potencial de comportamento”, que são brevemente discutidos e ilustrados, mas que já foram extensivamente desenvolvidos em Croft (2003, cap. 4).

Nas Partes 2 a 4, Croft apresenta construções morfossintáticas de domínios funcionais específicos, cuja organização tem por base estratégias de empacotamento da informação.

A Parte 2 é constituída dos Capítulos 3 a 5, os quais, em conjunto, oferecem uma visão descritiva geral, e bastante completa, da gramática de expressões nominais. Mais especificamente, no Capítulo 3, o autor apresenta e discute referência e expressões referenciais, com atenção especial à estrutura e ao funcionamento do sintagma nominal. O Capítulo 4 traz os tipos semânticos e estratégias gramaticais na expressão da modificação nominal. O Capítulo 5 discorre sobre a estrutura e a origem de construções modificadoras.

A Parte 3 é a mais extensa do livro. Nela, incluem-se os capítulos 6 a 14, os quais, em conjunto, apresentam uma visão geral da estrutura interna das predicções (capítulos 6 a 10, 13 e 14), bem como da organização informacional dos enunciados (capítulos 11 a 12). O capítulo 6 concentra-se especificamente nas construções de estrutura argumental, trazendo uma descrição detalhada de construções prototípicas nesse domínio. O capítulo 7 continua o estudo da estrutura argumental, mas foca sua análise nas construções não prototípicas. Ainda no domínio da estrutura de eventos, os capítulos 8 e 9 apresentam um detalhamento das construções de voz: o capítulo 8 discute os fatores discursivos envolvidos na codificação dos argumentos em diferentes construções de voz e o capítulo 9 se dirige à saliência dos participantes expressos em construções de voz e a ocorrência do que o autor chama de “participantes periféricos”, recusando uma dicotomia entre argumentos e adjuntos. O capítulo 10 apresenta uma análise das predicções não prototípicas, ou seja, aquelas em que o elemento verbal não entra em cena, além de tratar de casos de orações não prototípicas, aquelas em que não há predicção. O capítulo 11 explora a estrutura informacional do enunciado, enquanto o capítulo 12 explora as construções de atos de fala. Os capítulos 13 e 14, por fim, abordam as predicções complexas, aquelas em que uma única função de predicção é exercida por dois elementos em conjunto. O capítulo 13 detalha a estrutura de construções de predicção complexa eventivas, e o capítulo 14 detalha a estrutura das construções de predicção complexa estativas.

Os capítulos da Parte 4 trazem uma descrição da estrutura e do funcionamento das sentenças complexas. O capítulo 15 discute construções de oração coordenada e de oração adverbial, com foco na zona semântica das relações temporal e causal. O capítulo 16 dedica-se aos mecanismos referenciais implicados em construções de oração coordenada e de oração adverbial. O capítulo 17, como continuidade do capítulo 15, discute as construções adverbiais das zonas semânticas da comparação, da condicionalidade e

- | *Morphosyntax*: constructions of the world's languages (resenha)

da concessividade. O capítulo 18 descreve construções de complementação oracional, enquadrando-as como eventos (semântica) que se realizam em posição argumental (morfofossintaxe). Por fim, o capítulo 19 apresenta as construções de oração relativa como eventos (semântica) que se realizam como modificadores (morfofossintaxe).

O Epílogo, com extensão singela de uma página (p. 616), merece destaque porque deixa bastante explicitada a tese central do livro: “Nossas maneiras de conceptualizar e verbalizar nossa experiência – aqui chamada de ‘empacotamento da informação’ – serve como meio para estruturar essa experiência e comunicá-la aos outros”<sup>6</sup> (p. 616).

A obra traz, ainda, um glossário de termos técnicos, com 88 páginas, o qual pode ser visto como um pequeno dicionário linguístico e gramatical. O glossário pode ser acessado gratuitamente no *site*<sup>7</sup> da Cambridge University Press.

De um modo geral, deve-se apontar que a seleção de temas relevantes de cada capítulo, a condução na sua apresentação e discussão, bem como o apontamento de lacunas ou de ausência de dados suficientes são sempre regulados pela concepção teórica delineada nos dois capítulos iniciais da obra, o que revela a forte concatenação da proposta desenvolvida pelo autor.

### **3 A inserção da obra no contexto da produção intelectual linguística, com o direcionamento a três campos particulares**

Ao longo desta resenha, tem-se apontado a avaliação de que *Morphosyntax* traz uma proposta inovadora de teoria linguística e gramatical desenvolvida pelo autor desde 1985 e que já foi apresentada em obras e publicações ao longo dos anos. O livro contribui, simultaneamente, tanto para o avanço da teoria linguística e gramatical quanto para a instrumentalização da descrição gramatical de línguas, o que é absolutamente raro para um livro que se apresenta como um livro-texto destinado a alunos avançados de graduação e a alunos de pós-graduação.

Pode-se apontar a relevância e distinção desse livro se se considerá-lo no contexto da produção intelectual recente em três temas da Linguística: Gramática de construções, Manuais descritivos de gramática, Teoria linguística e gramatical.

---

6 No original: “Our ways to conceptualize and verbalize our experience – what is called ‘information packaging’ here – serve as a means to structure that experience and communicate it to others”.

7 Disponível em: <https://shorturl.at/fprF7>. Acesso em: 01 set. 2022.

No âmbito da gramática de construções, *Morphosyntax* é o primeiro livro que abrange o todo da gramática das línguas naturais, partindo da análise das classes de palavras, chegando à análise das sentenças complexas, por meio da apresentação de fatos gramaticais de centenas de línguas. Obras já publicadas dentro desse campo teórico geralmente centram-se em pontos específicos de morfologia, da sintaxe da estrutura argumental ou em construções de expressões idiomáticas, e são, em geral, obras de aplicação a fatos gramaticais da língua inglesa ou a uma outra língua particular (Goldberg, 1995, 2006; Booij, 2010; Hilpert, 2019; Hoffmann, 2022). Ainda, é notável a conceituação que o autor traz de construção como “qualquer pareamento de forma e função em uma língua (ou qualquer língua) usado para expressar uma combinação particular de conteúdo semântico e empacotamento da informação”<sup>8</sup> (Croft, 2022, p. 17, tradução própria). Essa conceituação difere das conceituações que tradicionalmente se oferecem, possivelmente porque o modelo construcional de Croft tem aproximações com o modelo funcional-tipológico de estudo da língua (cf. Croft, 2001, §1.6).

Ademais, no campo dos manuais descritivos, a obra oferece um programa seguro e consistente para a descrição gramatical das línguas. Apesar do crescente interesse em documentação de línguas ainda não descritas ou pouco documentadas nos últimos sessenta anos, há poucos manuais descritivos que abrangem o todo da gramática, podendo-se apontar como obras de referência na área o manual tipológico de Payne (1997), os três volumes organizados por Shopen (1985, 2007), o manual em três volumes de Dixon (2010-2012) e o guia de trabalho de campo de Aikhenvald (2015). Apontem-se, também, as diretrizes para trabalho de campo do (extinto) Departamento de Linguística do Instituto Max Planck, em Leipzig, cujos questionários descritivos<sup>9</sup> têm servido de base, nos últimos cinquenta anos, a um sem-número de obras gramaticais publicadas, em sua maioria, na coleção *Mouton Grammar Library*, da editora Mouton de Gruyter. Com relação a todos esses manuais disponíveis, a proposta de Croft em *Morphosyntax* é inovadora na medida em que parte de categorias semântico-pragmáticas universais (como referenciação, modificação, predicação etc.) para a descrição linguística e, assim, chegar à descrição das estratégias gramaticais específicas de cada língua.

Por fim, em relação à teoria linguística e gramatical, especificamente na tradição funcionalista e cognitivista, a obra de Croft passa a integrar um conjunto pequeno (e, diga-se, icônico) de obras que sistematizam e equacionam propostas teóricas de linguagem e de gramática. Citem-se a obra de Dik (1997), na linha da Gramática Funcional, a de Givón

---

8 No original: “any pairing of form and function in a language (or any language) used to express a particular combination of semantic content and information packaging.”

9 Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/tools.php>. Acesso em: 01 set. 2022.



- | *Morphosyntax*: constructions of the world's languages (resenha)

(2001), na linha de uma tipologia discursivo-pragmática, a obra de Hengeveld e Mackenzie (2008), na linha da Gramática Discursivo-Funcional, e a do próprio Croft (2001), na linha da tipologia e da gramática de construções.

#### 4 Avaliação final

Em linhas gerais, *Morphosyntax* é um forte candidato a se tornar um clássico contemporâneo na área de estudos linguísticos e gramaticais. No seu Prefácio, Croft assume que, mesmo que analistas de diferentes vertentes discordem de suas análises e sistematizações, o livro ainda é relevante na documentação que faz de fatos tipológicos sobre as línguas do mundo. Ora, se no livro o autor apresenta os resultados de 60 anos de desenvolvimento de teoria tipológica, ele o faz articulando-os dentro de um aparato teórico complexo, que lhe permite reinterpretar análises prévias, trazer à luz novas sistematizações e, assim, alcançar um quadro descritivo-explicativo coerente em todos os níveis de análise gramatical.

Considerando-se especificamente o contexto de circulação da linguística brasileira, a obra certamente traz contribuições valiosas à crescente comunidade construcionista e à já bem estabelecida comunidade funcionalista. Mas deve-se destacar, sobretudo, a contribuição que a obra pode oferecer aos linguistas que se dedicam à descrição e à documentação de línguas dos povos originários do território brasileiro. A obra oferece um modelo suficientemente aberto de modo a viabilizar a descrição e documentação de línguas ainda não documentadas ou descritas, conforme a sugestão que o próprio autor faz no Prefácio.

Registre-se, então, afinal, o apelo para que esse “manual” de morfossintaxe passe a fazer parte dos currículos de graduação de Letras, Linguística, Antropologia e outras ciências que se dedicam ao estudo da estrutura das línguas naturais.

#### Referências

AIKHENVALD, A. **The art of grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

BOOIJ, G. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CROFT, W. Comparative concepts and language-specific categories: theory and practice. **Linguistic Typology**, v. 20, p. 377-393, 2016.

- | *Morphosyntax*: constructions of the world's languages (resenha)

CROFT, W. Comparing categories and constructions crosslinguistically (again): the diversity of ditransitives. **Linguistic Typology**, v. 18, p. 533-551, 2014.

CROFT, W. **Verbs**: aspect and causal structure. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CROFT, W. Logical and typological arguments for radical construction grammar. *In*: FRIED, M.; ÖHALA, J. (ed.). **Construction grammar(s)**: cognitive and cross-language dimensions. Amsterdã: John Benjamins, 2004. p. 273-314.

CROFT, W. **Typology and universals**. 2. ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Parts of speech as typological universals and as language particular categories. *In*: COMRIE, B.; VOGEL, P. (ed.). **Approaches to the typology of word classes**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 65-102.

CROFT, W. **Syntactic categories and grammatical relations**: the cognitive organization of information. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

CROFT, W. A conceptual framework for grammatical categories. **Journal of Semantics**, v. 7, p. 245-279, 1990.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. 2 volumes. 2. ed. rev. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DIXON, R. W. **Basic linguistic theory**. 3 volumes. Oxford: Oxford University Press, 2010-2012.

GIVÓN, T. **Syntax**. 2 volumes. Amsterdã: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

- | *Morphosyntax*: constructions of the world's languages (resenha)

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HAIMAN, J. **Natural syntax**: iconicity and erosion. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985.

HASPELMATH, M. Comparative concepts and descriptive categories in cross-linguistic studies. **Language**, v. 86, p. 663-687, 2010.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional discourse grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. 2. ed. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2019.

HOFFMAN, T. **Construction grammar**: the structure of English. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2022.

PAYNE, T. **Describing morphosyntax**. A guide for field linguists. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

SHOPEN, T. (org.). **Language typology and syntactic description**. 3 volumes. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985.

SHOPEN, T. (org.). **Language typology and syntactic description**. 3 volumes. 2. ed. revista e ampliada. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2007.

---

COMO CITAR ESTA RESENHA: AMARAL, Luana Lopes; CONEGLIAN, André Vinícius Lopes. Resenha da obra de: CROFT, William. **Morphosyntax**: constructions of the world's languages. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2022. 726 páginas + glossário on-line. **Revista do GEL**, v. 20, n. 1, p. 267-277, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 05/12/2022 | Aceito em: 07/05/2023.

---